



Universidade de Brasília
Faculdade de Comunicação
Curso de Comunicação Organizacional

Trabalho de Conclusão de Curso
**COVID-19 E “TRATAMENTO PRECOCE”: UMA ANÁLISE DE
NARRATIVAS NO YOUTUBE**

Daniela Bernardes de Souza
15/0008333

Brasília, DF

2021

DANIELA BERNARDES DE SOUZA

Covid-19 e “tratamento precoce”: uma análise de narrativas no Youtube

Trabalho desenvolvido no curso de graduação da Universidade de Brasília como requisito para obtenção do grau de bacharel em Comunicação Organizacional.

Orientadora: Thais de Mendonça Jorge

Brasília, DF

2021

AGRADECIMENTOS

À minha família, especialmente à minha mãe, Regina, e ao meu irmão, Victor, por serem a minha base de aprendizagem e de acolhimento. Aos meus professores pelo rico conhecimento compartilhado. Às minhas amigas e amigos por tantas trocas, desabafos e HH's. À minha orientadora, Thais, pela disponibilidade e parceria nos últimos meses. À Kelly Almeida, que me abriu portas com tanto carinho, olhar sensível e incentivo ao meu trabalho. À toda a equipe da Rede Sustentabilidade e do mandato Leandro Grass por serem a minha inspiração diária e o motivo da minha paixão pela política, pela comunicação e pelo serviço público. À filosofia, pelos 5 semestres que tanto marcaram e engrandeceram a minha escrita e a minha perspectiva de mundo. À Coexiste, motor do propósito e do amor depositados em tudo que eu faço; e, por fim, grata à Universidade de Brasília, de onde saio me sentindo gigante!

RESUMO

As narrativas envolvendo eventos de grande repercussão midiática carregam importantes características acerca de comportamentos e tendências sociais. Entre 2020 e 2021, período de pico da pandemia de Covid-19, discursos sobre a doença foram fortemente disseminados em mídias digitais. Dois vídeos disponibilizados no Brasil pelo Youtube, plataforma *online* de materiais audiovisuais com alto alcance de visualizações, serviram de amostra na busca pela compreensão de características de uma narrativa contrária e de uma narrativa favorável ao uso do chamado “tratamento precoce”, conjunto de medicamentos vendidos como eficazes contra o vírus. Através de recursos bibliográficos que forneceram metodologias de análise de narrativas, foram encontrados resultados que ressaltaram intenções implícitas nos discursos. Conclui-se que as exposições analisadas sobre o tema no Youtube configuram-se de duas maneiras: a primeira apresentou aspectos que podem dificultar a conscientização sobre a doença além de apresentar tentativas de infringir as políticas de segurança da plataforma; e a segunda revelou a gravidade por trás da disseminação de informações falsas durante a pandemia.

Palavras-chave: narrativas; Covid-19; tratamento precoce; Youtube.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	05
Pergunta de pesquisa	08
Justificativa	08
OBJETIVO GERAL	09
Objetivos específicos	09
CAPÍTULO 1 - CORPUS DE ANÁLISE E PARÂMETROS METODOLÓGICOS	10
1.1 Condição de Dispositivo: Youtube.....	12
1.2 Condição de Identidade.....	14
CAPÍTULO 2 - ANÁLISE CRÍTICA DA NARRATIVA	15
2.1 Introdução à Análise da Narrativa.....	16
CAPÍTULO 3 - ANÁLISE DAS NARRATIVAS DOS VÍDEOS	20
CAPÍTULO 4 - RESULTADOS	35
CAPÍTULO 5 - DISCUSSÃO	37
CAPÍTULO 6 - CONSIDERAÇÕES FINAIS	38
REFERÊNCIAS	41
APÊNDICES	43

Introdução

Em 31 de dezembro de 2019, a Organização Mundial da Saúde (OMS) recebeu o primeiro alerta sobre vários casos de pneumonia na cidade de Wuhan, na China. A rápida evolução de novos casos da doença gerou comoção no mundo inteiro e cerca de um mês após o primeiro alerta, em janeiro de 2020, a OMS declarou oficialmente que o novo tipo de vírus, o qual recebeu o nome de SARS-CoV-2, constituía uma Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional (ESPII) – o mais alto nível de alerta da Organização, conforme previsto no Regulamento Sanitário Internacional (OPAS, [2020]).

O novo tipo de coronavírus é responsável por causar a doença *Corona Virus Disease* ou Covid-19, capaz de provocar desde um resfriado comum até evoluir para doenças respiratórias mais graves em seres humanos. Desde então, a alta capacidade de contaminação pela doença, assim como a gravidade dos sintomas manifestados por grande parte das pessoas contaminadas e a falta de medicamentos e cura comprovadas cientificamente, levaram órgãos políticos nacionais e internacionais a tomarem medidas e a realizarem protocolos de segurança a fim de proteger a população e combater a pandemia.

A comunicação entra nesse contexto como importante ferramenta de disseminação de informação capaz de alertar e evitar danos maiores à humanidade em situações de crise. Nesse sentido, os meios de comunicação durante o período da pandemia tornam-se objetos de estudo aptos a revelar elementos da linguagem que podem ter determinado o comportamento de milhões de pessoas em relação à doença.

As redes sociais permitem, por meio de ferramentas de criação de textos, fotos e vídeos, que discursos, mesmo que carregados de informações falsas, sejam distribuídos em tempo recorde. Um expressivo número de usuários *online* aumenta a cada ano e vem repercutindo na dinâmica de diversos setores da vida social, cultural, política e econômica. (SILVA; MUNDIM, 2015, p.232).

O *WhatsApp*, aplicativo de mensagens instantâneas para celular, é um exemplo de plataforma em que *links*, ou seja, canais que quando clicados pelo usuário o encaminham para outra página na internet, e textos sejam compartilhados em segundos para uma grande quantidade de grupos, atingindo um elevado número

de pessoas em diferentes regiões do país. Esse fenômeno foi determinante no resultado das eleições de 2018, que elegeram Jair Bolsonaro para a presidência (PIAIA; ALVES, 2020) e segue sendo relevante para a análise de impacto nos casos e vítimas da Covid-19 no Brasil.

O chamado “tratamento precoce”¹ é um exemplo de informação não comprovada que, espalhada em larga escala, tomou proporções que ultrapassam os limites do espaço digital e se chocam com o espaço público. O “tratamento precoce” contra o vírus Sars-Cov 2 defende o uso de determinados medicamentos - o “kit-covid” - a serem ministrados como prevenção e cura nos primeiros estágios da doença. Esse tipo de terapia intensiva é advogado por alguns grupos e negado por outros.

Durante a pandemia de COVID-19, o padrão de consumo de medicamentos no Brasil chamou a atenção. Estava no centro dessa questão o denominado “tratamento precoce” ou “kit-covid”: uma combinação de medicamentos sem evidências científicas conclusivas para o uso com essa finalidade, que inclui a hidroxicloroquina ou cloroquina, associada à azitromicina, à ivermectina e à nitazoxanida, além dos suplementos de zinco e das vitaminas C e D. (MELO et al., 2021, p. 2).

O engajamento político durante o período da pandemia está diretamente atrelado a um processo de intensa polarização política, que se caracteriza por dois lados conflitantes num determinado contexto político, e se intensificou durante as eleições presidenciais de 2018 no Brasil (Gloria-Filho & Modesto, 2019; Hunter & Power, 2019). Em uma pandemia, a polarização política se apresenta como barreira para ações coordenadas com a finalidade de desacelerar a transmissão do vírus, uma vez que alguns indivíduos parecem se preocupar mais em estar alinhados com a opinião do grupo do que em buscar informação confiável (GALLI; MODESTO, 2021, p. 183).

Galli e Modesto buscaram entender a influência das crenças conspiratórias e da orientação política na vacinação. Em uma amostra composta por 325 participantes, os pesquisadores coletaram respostas relacionadas às medidas sanitárias, crenças, informações oficiais, intenção de vacinação, orientação política e, por fim, a um questionário sociodemográfico (GALLI; MODESTO, 2021, p. 186).

Nota-se que quanto mais à direita o indivíduo se identifica, maior o endosso das crenças conspiratórias, diminuindo significativamente a intenção de se

¹ Nesta pesquisa, optou-se por escrever “tratamento precoce” entre aspas porque não reconhecemos a legitimidade de tal proposta, que tampouco é amparada na ciência.

vacinar. [...] Como encontrado por Enders et al. (2020), os achados podem indicar uma possível influência do discurso do presidente brasileiro na adesão de crenças conspiratórias e falsas informações relacionadas à pandemia entre seus eleitores. (GALLI; MODESTO, 2021, p. 189).

Quando e onde surge o chamado “tratamento precoce”? E o que explica o empenho do ex-presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, e de Jair Bolsonaro na defesa desses medicamentos? Casarões e Magalhães (2011, p. 200) explicam que a primeira menção à cloroquina e à hidroxicloroquina contra a Covid-19 ocorreu em 11 de março de 2020, quando um empresário, um investidor e um filósofo que assim se auto-descreve, depositaram esperanças nos poderes de cura de uma “droga milagrosa” em um tópico do Twitter. Alguns dias depois, dois deles foram coautores de um artigo publicado no Google Docs que defendia a cloroquina. O documento chamou a atenção de empresários do Vale do Silício e meios de comunicação conservadores. Em 16 de março, o CEO da Tesla e da SpaceX, Elon Musk, *tweetou* um link para esse artigo sugerindo que o medicamento antimalárico cloroquina poderia ser eficaz no tratamento de COVID-19. O documento veiculado por Musk foi posteriormente removido do Google Docs por violar os termos de serviço da empresa. (CASARÕES; MAGALHÃES, 2021, p. 201).

Mesmo com a eficácia não comprovada, vimos cientistas, empresários e celebridades unidos por sua desconfiança nos governos e na ciência convencional, empenhados em defender o uso de medicamentos como forma de tratamento contra a Covid-19. Assim como foi nos Estados Unidos, Bolsonaro, a partir de março de 2020, disparava constantemente discursos a favor do uso dos medicamentos em suas redes sociais e tentava desestimular as medidas de distanciamento social implementadas por governadores e prefeitos. Segundo a interpretação de Casarões e Magalhães (2021),

A defesa da hidroxicloroquina de Trump e Bolsonaro pode ser explicada como parte de uma atuação populista médica. Ambos os presidentes queriam evitar as críticas sobre sua negação inicial da gravidade do coronavírus politizando a pandemia e oferecendo ao público uma solução rápida que parecia promissora o suficiente para justificar sua adoção, apesar da falta de evidências sólidas. Eles também procuraram fortalecer suas posições unindo forças entre si, por um lado, e acumulando apoio doméstico entre médicos e empresários proeminentes, políticos e mídia conservadores e líderes religiosos, por outro. (CASARÕES; MAGALHÃES, 2021, p. 202).

Os conteúdos que defendiam os medicamentos foram compartilhados nas redes sociais e logo o discurso também passou a ser replicado por apoiadores,

causando um excesso de compartilhamento de conteúdos sem verificação, impulsionado pela situação de crise e pelo medo coletivo.

Pergunta de pesquisa

Se tomarmos como base fatos ou eventos de grande repercussão pública, chegamos à seguinte pergunta: no caso específico do chamado "tratamento precoce", tema desta monografia, o que caracteriza as narrativas procedentes de fontes de informação *online*? Partindo desta agenda mais ampla de pesquisa, o objetivo específico deste trabalho é identificar as principais características das narrativas que usuários compartilharam no YouTube tomando como recorte temático um evento de grande visibilidade midiática: a pandemia de Covid-19, em especial uma ocorrência frequente, que é a discussão sobre o chamado "tratamento precoce". Neste caso, a proposta é analisar a narrativa em dois vídeos de posições opostas em relação a esse tema.

Justificativa

A pandemia de Covid-19 é uma das maiores crises sanitárias do planeta. Compreender o momento atual é considerar o fato de que cada vez mais indivíduos tendem a reforçar narrativas e limitam seus pontos de vista polarizando ainda mais os vínculos sociais, os posicionamentos pessoais e as escolhas políticas. Assim surgem tantos conflitos entre diferentes visões e comportamentos distintos diante de uma crise mundial na saúde.

Neste cenário, diante de uma doença que além de grave, é também imprevisível, precisamos do máximo de cuidado e informações confiáveis à disposição. A alta capacidade de disseminação, de contágio e de letalidade do vírus é um alerta para que se intensifique o senso de comunidade e coletividade. A Covid-19 atinge pessoas de diferentes idades que estão suscetíveis aos seus efeitos, sejam eles mais graves ou menos graves.

A comunicação entra nesse contexto como forte ferramenta de disseminação de informações, alertas e conteúdos que podem ser educativos para que a população entenda quais políticas públicas serão tomadas a fim de conter a crise.

Além disso, os discursos são capazes de influenciar comportamentos de comunidades e de definir a relação que as pessoas terão com o vírus. Narrativas políticas, por exemplo, são construídas muitas vezes com estratégias envolvendo elementos visuais e verbais carregadas de elementos ideológicos não evidentes capazes de convencer indivíduos, e são fontes de conhecimento por representar relações e interações sociais que, quando desveladas, assumem importantes fenômenos nos quais estamos inseridos.

Num fluxo dialético, discursos influenciam e são influenciados, e não se pode ignorar o fenômeno de uma plataforma como o Youtube. Durante uma pandemia, materiais compartilhados na plataforma servem de importantes objetos de estudo no sentido de que é a partir do entendimento de conteúdos como os que viralizam na internet, que podemos compreender características estratégicas de comunicação para que nos tornemos sujeitos mais conscientes e menos suscetíveis às informações não confiáveis.

Objetivo Geral

O estudo pretende entender os conteúdos no Youtube que abordam o chamado “tratamento precoce” e o que isso representa dentro das práticas sociais e culturais em comunidade. No interior deste projeto de pesquisa voltado à compreensão social e política do fenômeno da disseminação na produção e circulação de informações sobre saúde e comportamento social, o foco está na análise de vídeos com a intenção de compreender e apontar características qualitativas de narrativas e as interpretações envolvendo o chamado “tratamento precoce” da Covid-19.

Objetivos específicos

A fim de atingir o objetivo geral, objetivos específicos foram traçados. São eles: 1) Investigar fenômenos sócio-políticos ocorridos durante a pandemia no Brasil, em especial os relativos ao tratamento da Covid-19; 2) Detalhar características qualitativas de vídeos com alto número de visualizações sobre o tema “tratamento precoce” no Youtube; 3) Apontar a comunicação como elemento representativo de relações sociais e sua relevância nos contextos de crise.

Este trabalho se divide em 6 partes. O capítulo 1 traz esclarecimentos quanto ao recorte de análise e metodologia utilizados na pesquisa, traçando um panorama das principais discussões teóricas que envolvem a apropriação social de ferramentas digitais com foco específico nos debates sobre o YouTube. No capítulo 2 a principal ênfase será descrever as estratégias de análise contidas nas referências bibliográficas. O capítulo 3, dedica-se à análise das narrativas dos vídeos selecionados. O capítulo 4 traz os resultados da pesquisa, seguido do capítulo 5 que apresenta discussão qualitativa e, por fim, o capítulo 6 que expõe as conclusões do estudo.

Capítulo 1 - Corpus de Análise e Parâmetros Metodológicos

A ferramenta metodológica inicial foi a busca de conteúdo por meio de palavras-chave. A primeira busca pelos conteúdos no Youtube foi realizada por meio de teste com as palavras “Cloroquina”, “Ivermectina”, “Hidroxicloroquina” e por fim “tratamento precoce”. Foram recomendados, a partir deste último recorte, diferentes abordagens sobre o tema, sendo as mais frequentes listadas a seguir: vídeo de Drauzio Varella - “Por que ainda se fala sobre tratamento precoce para covid-19?”, com 12 mil visualizações; “Covid-19: médicos voluntários de Cascavel oferecem tratamento precoce”, com 286 mil visualizações; “Médicos defendem tratamento precoce da covid-19”, com 21 mil visualizações; Sleeping Giants: “Tratamento precoce e atos antidemocráticos se ligam ao mesmo público” com 1 mil visualizações; “Para o virologista Paolo Zanutto, o tratamento precoce da covid foi demonizado no Brasil”, com 185 mil visualizações.

Com direção a um recorte mais específico, optou-se por pesquisar dois canais que se destacam por conteúdos informativos no Youtube: a TV Gazeta do Povo e a TV 247. Foram então usadas as palavras-chave “TV 247 tratamento precoce” e “TV Gazeta do Povo tratamento precoce”. Apesar de apresentarem semelhanças a partir de suas linhas editoriais, os dois canais apresentam conteúdos ideológicos opostos. A TV Gazeta do Povo, do Paraná, possui uma das maiores comunidades engajadas de apoiadores do governo Bolsonaro, com 440 mil inscritos, enquanto a TV 247, um sítio inaugurado pelo jornalista Leonardo Attuch em 2011, é formada por opositores ao governo, com 724 mil inscritos.

A partir das palavras-chave mencionadas foram encontrados dois vídeos que passaram a compor o corpus de análise desta pesquisa. São vídeos disponibilizados pelo Youtube no formato de “Lives” que são eventos gravados ao vivo e transmitidos de maneira virtual. O vídeo 1, intitulado “Entrevista com Barbara, do canal Te Atualizei” e publicado em março de 2021, é uma conversa entre a repórter Cristina Graeml, jornalista e apresentadora de programas de análise política e mini documentários da TV Gazeta do Povo, e Bárbara Destefani, a mineira, dona de casa, que alcançou mais de um milhão de inscritos no seu canal “Te Atualizei”, ao comentar notícias sobre a política. O vídeo 2, “A história secreta da cloroquina” - Lançamento com comentários”, publicado em julho de 2021, consiste no lançamento de um documentário que busca mostrar as intenções por trás do discurso pró-“tratamento precoce”. O jornalista Joaquim de Carvalho, diretor do documentário e colunista da TV 247, conversa ao vivo sobre os bastidores com a editora e jornalista do canal, Gisele Federicce.

Algumas características foram determinantes para a escolha do corpus de pesquisa, que será examinado em profundidade. Primeiro levaram-se em consideração as semelhanças entre os temas abordados, entre os formatos de vídeo (entrevista ao vivo) e os canais de publicação (grandes canais de mídia do Youtube). O vídeo 1 apresenta características interessantes na narrativa dos participantes, como a substituição do nome da doença, dos medicamentos do “kit-covid” e uma preocupação em não pronunciar as palavras-chave desta pesquisa. O vídeo 2 pretende descobrir o que está por trás da indução das drogas no Brasil.

Para análise das narrativas, o trabalho teve como suporte metodológico as obras de Luiz Gonzaga Motta, “Análise crítica da narrativa” e de Patrick Charaudeau, “Discurso das mídias”. Charaudeau aponta a importância de se entender o contexto comunicacional numa perspectiva externa e interna. A externa leva em consideração o ambiente da comunicação, os agentes envolvidos nas trocas de informação, as práticas sociais que determinam certos comportamentos e hábitos presentes no discurso. A interna diz respeito às características decorrentes como linguagem, gestos, recursos verbais e visuais. Para estes, Motta traça alguns movimentos de análise, os quais serão explorados mais à frente.

1.1 Condição de Dispositivo: Youtube

Segundo Charaudeau, o dispositivo é a condição que permite que o ato comunicacional se construa de forma particular, a depender das características materiais em que a comunicação se desenvolve. Define-se através das respostas às perguntas: “Em que ambiente se inscreve o ato de comunicação, que lugares físicos são ocupados pelos parceiros, que canal de transmissão é utilizado?”. (Charaudeau, 2007, p. 70).

O YouTube é o maior e mais popular *site* de postagem e exibição *online* de vídeos, estando entre os dez mais acessados no Brasil e no mundo (SILVA, 2015, p. 235). O sítio foi lançado em 2005 pelas mãos de Chad Hurley, Steve Chen e Jawed Karim nos Estados Unidos, e prometia facilitar o compartilhamento de conteúdos independentes na internet. Burgess e Green (2009, p.18), relataram que, diferente dos espaços de divulgação audiovisual anteriores, como o cinema e a televisão, a nova plataforma seria um meio democrático em que o usuário poderia, além de criar, publicar e assistir vídeos sem necessidade de altos níveis de conhecimento técnico, se conectar com outros usuários e gerar links que facilitam o compartilhamento de materiais para além da plataforma. Este horizonte era sintetizado no seu antigo lema: “*Broadcasting yourself*”, termo em inglês que faz referência ao que compreendemos por “radiodifusão”, transmissão em larga escala do sinal de rádio e TV.

Três elementos são importantes na constituição e pesquisa de plataformas digitais como o Youtube: a possibilidade de qualquer cidadã e cidadão gravar, criar, postar conteúdos afirmando posicionamentos, opiniões; a capacidade de inserção instantânea de conteúdos nas redes a qualquer hora e de (quase) todo lugar, que vem driblando as barreiras do espaço e possibilitando uma nova forma de produção midiática ainda em pleno processo de expansão e cujos efeitos necessitam ser devidamente estudados (SILVA, 2015, p. 233) e o crescente número de usuários das redes sociais durante o isolamento social.

Transpondo capacidades das tecnologias digitais e seu potencial de viabilização de uma participação cultural ativa, o YouTube nos apresenta uma oportunidade de confrontar alguns dos maiores problemas da cultura participativa: a disparidade de participação e de expressão; as aparentes tensões entre interesses comerciais e o bem comum; e a contestação da ética e das normas sociais que ocorre quando sistemas de crenças, interesses e diferenças culturais entram em conflito.

Em 2006, em vista de seu rápido crescimento e alta aderência por parte dos usuários, o sítio foi comprado pelo *Google* por US\$ 1,65 bilhão e esta gigantesca empresa do mundo digital passou a incorporá-lo em seus projetos e diretrizes. O Youtube, em menos de uma década, alcançou larga ascensão e popularidade, conquistando um novo espaço na produção e compartilhamento de informação, entretenimento e repercussão de fenômenos sociais, principalmente aqueles que podem ser filmados e reproduzidos em linguagem audiovisual.

Atualmente, o YouTube ganhou duas novas formas de movimentação: aquela com foco de organizações do setor empresarial e outras instituições, que usam este meio para marketing ou divulgação de seus produtos; e a que diz respeito às ações do usuário comum que, por iniciativa própria, grava, publica e compartilha produções industriais como programas de TV, matérias de telejornais, produções cinematográficas, dentre outras.

Jawed Karim, o terceiro cofundador da plataforma, afirma que o sucesso do site se deve à implementação de quatro recursos essenciais: 1) recomendações de vídeos por meio da lista de “Vídeos Relacionados”; 2) um link que permite o compartilhamento de vídeos; 3) comentários (e outras funcionalidades inerentes a redes sociais) e 4) um reprodutor de vídeo que pode ser incorporado em outras páginas da internet. (Burgess; Green, 2009, p. 19).

Alana Rizzo, jornalista e gerente de políticas públicas do Youtube no Brasil, destacou, durante um Seminário sobre YouTube e Política, promovido pelo Grupo de Pesquisa em Comunicação Política e Democracia Digital (COMPADD), a importância do vídeo nesse contexto de pandemia em que as relações humanas foram abaladas. A conexão foi muito importante já que 72% das pessoas disseram que postaram um vídeo no último ano e que pessoas que nunca haviam postado no Youtube, o fizeram pela primeira vez durante a pandemia. (RIZZO, 2021,). Além disso, 93% dos brasileiros assistiram a conteúdo de vídeo *online* e 56% concordam que usaram o Youtube para se conectarem com outras pessoas durante esse período (RIZZO, 2021).

Rizzo (2021) também destacou a liberdade de expressão e o direito à informação como valores que definem os princípios que movem o funcionamento do *Youtube* e a experiência proporcionada aos usuários. Para garantir o acesso de qualidade, a plataforma conta com um sistema de remoção de conteúdos que violam suas políticas de segurança e que recomendam fontes confiáveis de informação. A

plataforma removeu mais de 850 mil vídeos sobre a Covid-19 fora das políticas de conteúdo (G1, 2021), incluindo aqueles que falavam do uso de remédios como a cloroquina e a ivermectina para os estágios iniciais da doença. A ação sofreu críticas por parte dos apoiadores do “tratamento precoce”, os quais interpretaram a medida como supostos limites à liberdade de expressão e ao livre diálogo dentro do *site*.

Em contrapartida, o Youtube afirma que a atualização do sistema de remoção de vídeos da plataforma se alinha com as orientações das autoridades de saúde globais sobre a eficácia dessas substâncias. Em março de 2021, “a Organização Mundial da Saúde (OMS) publicou uma diretriz na qual pede fortemente que a hidroxicloroquina não seja usada como tratamento preventivo da Covid-19.” (G1, 2021).

1.2 Condição de Identidade

A situação de comunicação é pautada nas trocas entre emissor e receptor, bem como nas particularidades que circunscrevem o discurso, ou seja, nem tudo o que compõe a narrativa está necessariamente imerso na linguagem. A análise dos dados externos, como o entendimento dos dispositivos nos quais a comunicação se dá, a identidade do emissor e do receptor e o contexto no qual a situação de comunicação ocorre são elementos do plano de fundo no qual a troca comunicacional está inserida, e que são fundamentais para que o discurso possa ser analisado em profundidade.

Para Charaudeau (2013) a condição de identidade dentro dos contratos comunicacionais é fundamental para que a troca ocorra, ou seja, é preciso conhecer traços tanto dos ouvintes, quanto dos falantes, a fim de analisar e entender o discurso entre ambos. Motta também destaca a importância da análise das identidades envolvidas na narrativa através das seguintes perguntas:

Até onde os interesses dos vários atores envolvidos em uma narração se chocam ou se entrecem para configurar os enredos? Até onde cada um atua para posicionar personagens como heróis ou vilões das histórias? Até onde cada um é suscetível de acolher interesses de outros atores desejosos de influir na versão pública da história? A versão pública final é produto de quais intermediações e negociações? Como se processam essas negociações?” (MOTTA, 2013, p. 213)

O professor Wilson Gomes (2021), titular de Teorias da Comunicação da Universidade Federal da Bahia (UFBA), participante do COMPADD (2021), destaca a importância das plataformas como objetos de estudo nas áreas da comunicação e da política. A questão principal colocada por Gomes diz respeito aos novos intelectuais públicos do Youtube. Será que os Youtubers não são os novos intelectuais públicos? Gomes cita o exemplo dos criadores de conteúdo digital que lançam livros de sucesso nas livrarias. Ou seja, o Youtube também invadiu o espaço de conteúdos impressos que era ocupado por outros tipos de intelectuais e autores. O mesmo acontece em outras plataformas digitais de alto impacto como o *Instagram*. São influenciadores que têm grupos de até centenas de milhões de ouvintes. Por isso, se considera que essas pessoas, presentes na internet por meio de imagem e som, acumularam um capital social, simbólico, de visibilidade e conectividade muito grandes.

Outra característica importante é a conversibilidade desse capital simbólico em outros capitais, seja financeiro, seja o que Gomes (2021) chama de conversão de influência, a capacidade de mover as pessoas cognitivamente de um ponto a outro, de reforçar convicções, de mudar crenças, de alterar atitudes, de influenciar comportamentos, levando a adotar um comportamento eleitoral, por exemplo. Esse fator é relevante no sentido de que essas novas celebridades influenciam decisões políticas de acordo com o vínculo emocional que o público constrói com elas.

Capítulo 2 - Análise Crítica da Narrativa

Motta define três instâncias de análise do discurso narrativo: o plano da expressão; o plano da história e o plano da metanarrativa. (MOTTA, 2013, p. 134). O plano da expressão se refere à linguagem sonora, visual, gestual, verbal, etc. São elementos importantes na construção do sentido dado à realidade que o narrador pretende construir. Por exemplo, alguns recursos como figuras de linguagem são usados quando se pretende enfatizar ou evidenciar um fato numa narrativa.

O plano da história é o plano do conteúdo, do enredo. São características da narrativa que contribuem para a construção de uma sequência de fatos, um encadeamento de ações cronológicas e suas consequências, os papéis de cada personagem e os conflitos. A partir da compreensão da história, é possível apontar e aprofundar as intenções discursivas do narrador.

Já o plano da metanarrativa corresponde aos contextos éticos e morais por trás da narrativa. São referências mais abstratas contidas no imaginário coletivo formado por regras de conduta, como noções de certo e errado, de fidelidade, de injustiça ou de recompensa. A culpa, o pecado, o bom e o mal, são bastante comuns na construção de narrativas religiosas, por exemplo, e causam efeitos particulares no receptor do discurso.

2.1 Introdução à Análise da Narrativa

Para investigar estas três instâncias da narrativa, Motta traça sete movimentos operacionais para que o pesquisador possa percorrer, como um guia, e analisar o que vai no interior desses planos. (MOTTA, 2013, p.139). São eles: 1) compreender a intriga como síntese do heterogêneo; 2) compreender a lógica do paradigma narrativo; 3) deixar surgirem novos episódios; 4) permitir ao conflito dramático se revelar; 5) metamorfose de pessoa a persona; 6) estratégias argumentativas e 7) metanarrativas.

O primeiro passo de análise consiste na busca pela compreensão do enredo, das conexões entre os temas abordados, entender cada personagem e os conflitos envolvidos. Para isso, Motta indica repetidas leituras da narrativa até que o analista se sinta empoderado daquele discurso. O analista precisa determinar com exatidão o início, o desenvolvimento e o final do enredo. Encontrar os fios que alinham a trama. Em algumas situações, este terá de fazer uma opção arbitrária de corte na sequência sem fim determinando, ele mesmo, o início e o final da estória (MOTTA, 2013, p.140). Como a pandemia de Covid-19 e as discussões sobre o “tratamento precoce” ainda estão em andamento, foi preciso definir um princípio, um meio e um final das narrativas analisadas nesta pesquisa a fim de que pudessem fazer sentido na pesquisa.

O segundo movimento consiste em compreender a lógica do paradigma narrativo. Motta indica que o pesquisador faça uma busca das intenções do narrador em sua correlação com aquele que recebe sua narrativa. É preciso entender as estratégias por trás de sua comunicação a fim de obter aquilo que ele espera do seu interlocutor: respostas emocionais relacionadas ao medo, à surpresa, tensão, esperança, etc. É interessante fazer um gráfico de tensão da narrativa e encontrar

os dêiticos, ou seja, gestos, posturas, entonação, ritmo, ponto de vista do narrador, enquadramentos, contexto cultural envolvidos. (MOTTA, 2013, p. 157).

Seguimos para o terceiro movimento: deixar surgirem novos episódios. Motta destaca que os episódios devem ser identificados e nomeados de acordo com a relação sintagmática deles no interior da estória, e podem aparecer em momentos distintos ao longo da narrativa, não necessariamente seguindo uma sequência linear de fatos. “[...] são muito dinâmicos. Seus nomes podem ser vários: saída, prova, traição, transgressão, confronto, vitória, derrota, punição, conquista, retorno, recompensa e assim por diante, dependendo da intriga.” (MOTTA, 2013, p. 161).

O quarto movimento é o que permite ao conflito dramático se revelar, ou seja, momentos do enredo que assumem dimensões religiosas, políticas, ideológicas, culturais que geram antagonismos, por exemplo. “Sociologicamente, um conflito ocorre quando as partes se encontram em desacordo quanto à distribuição de recursos materiais e simbólicos, e atuam movidas pela incompatibilidade de metas ou por uma profunda divergência de interesses, como diz Howard Ross (1993).” (MOTTA, 2013, p. 166).

O quinto movimento diz respeito aos personagens da estória. Segundo Motta, trata-se da análise de características daqueles que participam da construção da narrativa, dos conflitos, dos interesses, das ações, das causas e efeitos. Heróis, vilões, mentores, são exemplos de elementos que carregam certas características que os distinguem dentro da narrativa e que são capazes de construir identificação e proximidade com o receptor.

O sexto movimento consiste em entender as estratégias argumentativas, ou seja, compreender quais recursos foram usados para provocar reações, crenças, ações com aquele discurso. Quase sempre este movimento acontece com duas intenções: a de provocar efeitos de realidade à narrativa e o de instigar efeitos dramáticos, exagerados, com jogos de linguagem, por exemplo.

Por fim, o sétimo movimento concentra-se na identificação da metanarrativa. “Nenhuma história é contada sem que haja um fundo moral, uma razão ética que a situa.” (MOTTA, 2013, p. 204).

A partir dos três planos e dos sete movimentos de análise, busca-se concluir qual o propósito da narrativa e os recursos utilizados para trazer a sensação de realidade para aquele discurso. Nesta pesquisa, como apoio à metodologia de Motta, utilizou-se a ótica da condição de finalidade proposta por Charaudeau, em

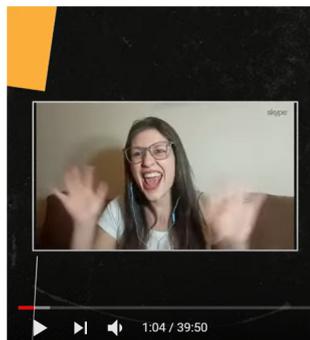
que o autor subdivide essa condição em quatro perspectivas: “fazer fazer” (induzir ações do receptor), “fazer saber” (compartilhar informações com o receptor), “fazer crer” (querer que o receptor acredite no que está sendo dito) e “fazer sentir” (estimular emoções no receptor). (CHARAUDEAU, 2007).

O primeiro vídeo a ser analisado, intitulado “Entrevista com Bárbara, do canal Te Atualizei”, com duração de quase 40 minutos, é uma entrevista ao vivo comandada pela repórter Cristina Graeml do canal paranaense de notícias e opinião, TV Gazeta do Povo, e a *youtuber* Bárbara Destefani, dona do canal de opinião política “Te Atualizei”. A repórter e a *youtuber* se encontraram em março de 2021, no mesmo período em que o presidente Jair Bolsonaro substituiu o general Ricardo Pazuello na gestão do Ministério da Saúde nomeando o médico cardiologista Marcelo Queiroga em seu lugar. Segundo anúncio do presidente na época, a troca se dava por uma mudança da estratégia do governo em relação à pandemia, com foco na vacinação. (CNN, 2021). A entrevista se desenvolve a partir do tema e busca comentar a situação da vacinação no país, as medidas restritivas e os cuidados sanitários.

Bárbara Destefani é mineira, casada e mãe de dois filhos e tem se destacado no debate político apesar de não ter formação na área. A *youtuber*, que se intitula conservadora, é dona de casa e começou a fazer vídeos expondo opiniões sobre pautas políticas, defendendo valores e princípios religiosos e constantemente criticando a oposição ao governo de Jair Bolsonaro. A TV Gazeta do Povo parece aproveitar a boa audiência da *youtuber* ao convidá-la para participar do canal e comentar os últimos acontecimentos na política durante a pandemia. Isso gera uma troca entre os consumidores de conteúdo da emissora e os seguidores da dona de casa, aumentando o engajamento dos canais, o que apresenta uma vantagem para ambos.

Apesar do grande número de visualizações e sucesso em suas redes sociais, com mais de um milhão de inscritos, Bárbara parece causar identificação com o público ao usar uma linguagem informal para tratar de assuntos complexos e elementos visuais que passam uma mensagem de simplicidade e poucos recursos. Nota-se, na figura 01, por exemplo, a baixa qualidade da imagem de sua câmera, o que não é comum para alguém que trabalha e faz sucesso no Youtube.

Figura 01 - *youtuber* Bárbara do canal “Te Atualizei”



Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=EyqD_hjbrKw&t=1248s (2021)

Bárbara parece ser “a voz” de seus seguidores, os quais demonstram se sentir representados por ela. O seu canal, criado em 2012, possui cerca de 340 vídeos com mais de 130 milhões de visualizações que começaram a fazer sucesso após repercutir opiniões sobre política. É possível identificar a relação com seus seguidores na Figura 02, a partir dos comentários favoráveis à *youtuber* e à TV Gazeta do Povo, deixados ao longo da entrevista:

Figura 02 - Comentários ao vivo do vídeo Entrevista com Barbara, do canal Te Atualizei

Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=EyqD_hjbrKw&t=1401s (2021)

Cristina Graeml (figura 03) é a repórter que entrevista Bárbara no primeiro vídeo analisado. Formada em Jornalismo, Cristina está na Gazeta do Povo desde

julho de 2018; já atuou como produtora e apresentadora de programas de análise política e mini documentários em vídeo. Desde novembro de 2019 escreve para a editoria Vida e Cidadania do jornal paranaense e sobre temas de Educação, Direitos Humanos, Família e Costumes. Como repórter, usa uma linguagem mais culta, mas ainda assim com alguns elementos informais. Esse tipo de recurso traz também proximidade com o ouvinte, com um vocabulário mais popular. Cristina representa uma figura de autoridade ao conduzir uma entrevista proposta pelo canal TV Gazeta do Povo.

O vídeo 2, intitulado “A história secreta da cloroquina” - Lançamento com comentários, financiado por patrocinadores e pela comunidade da TV 247, site de informações e análises políticas, tem duração de duas horas e meia e conta como foi construída a narrativa por trás de políticos apoiadores do governo Bolsonaro, médicos, comunicadores e homens de negócios como Carlos Wizard (conhecido por ser o fundador da Wizard, maior rede de ensino de idiomas do Brasil) e Luciano Hang (proprietário da Havan, uma das maiores redes de lojas de departamentos do Brasil) que se movimentaram para manter o mercado ativo e vender remédios sem eficácia comprovada contra a Covid-19 durante a pandemia.

Acompanhado pelo cinegrafista Eric Monteiro, Joaquim de Carvalho, colunista da TV 247, esteve em Brasília, Manaus e Porto Feliz para entrevistar pessoas que perderam familiares, amigos e conhecidos para a doença e de brasileiros que fizeram uso de remédios como a cloroquina e a ivermectina. O vídeo 2 pretende mostrar um ponto de vista contrário ao de Bárbara Destefani, defensora do "tratamento precoce", e descobrir o que está por trás da indução das drogas no Brasil.

Capítulo 3 - Análise das narrativas dos vídeos

Para fins de análise, as falas das participantes foram divididas em três partes (início, desenvolvimento e final), seguindo os movimentos de análise crítica da narrativa proposta por Motta (2013, p. 140). A intenção é a de identificar e alinhar os acontecimentos do enredo. O recorte do vídeo 1, “Entrevista com Bárbara, do canal Te Atualizei”, tem início no minuto 1:15 e finaliza no minuto 15:25.

A entrevista começa num tom informal e descontraído, no qual Cristina apresenta a Bárbara aos espectadores do vídeo e contextualiza a participação da

youtuber no canal. A *youtuber* faz uma fala de apresentação esperançosa devido às dificuldades enfrentadas durante a pandemia e responde à primeira provocação da repórter Cristina Graeml: “Qual a tua opinião sobre o novo ministro?”. Vestida com camiseta, óculos claros e aparentando estar na sala de casa, ela responde que acompanhou uma entrevista dada por Marcelo Queiroga, atual ministro da Saúde no Brasil, e aponta o que mais interessa a ela. Nos trechos a seguir podemos acompanhar a fala de Bárbara, com o bordão que a caracteriza e dá nome a seu canal, "Te Atualizei":

“Quando perguntaram pra ele [refere-se ao novo Ministro da Saúde, Marcelo Queiroga] sobre tratamento precoce ele se saiu bem... não sei se todo mundo viu, pra quem não viu, tô te contando, tô te atualizando...² ele falou que ele... não é que ele defende. Ele entende que certos medicamentos não existe a comprovação científica, que é aqueles estudos mega e tal, mas que existe a observação clínica que é muito importante e por isso os médicos têm autonomia pra poder prescrever aquilo que eles acham mais adequado.” (DESTEFANI, 2021, 4:51 - 5:24)

A *youtuber* diz “tratamento precoce” com um tom de voz mais baixo em comparação com o restante da fala, seguindo de uma risada, o que chama a atenção para o assunto. Para Motta (2013, p. 147), no movimento de análise relacionado à compreensão da lógica da narrativa, esses estímulos são aspectos relacionados às respostas emocionais que o interlocutor deseja gerar no receptor. Ela pode, neste exemplo, reforçar um estado de expectativa, de atenção ao tema.

Quando a *youtuber* diz “tô te atualizando”, ela fixa o discurso no aqui e agora. Este exemplo de estratégia argumentativa busca provocar efeitos de realidade na narrativa e passa a impressão de que a figura na tela é a mediadora da história, oferecendo ao receptor espaço de onde ele pode observar os fatos, compreender o passado e especular sobre o futuro (MOTTA, 2013, p.199), além de se identificar como autoridade, ou seja, aquela que pode informar o telespectador sobre os últimos acontecimentos.

Para concluir seu pensamento, ela resume o que foi dito pelo Ministro na entrevista. Seu discurso demonstra uma procura por instigar iniciativa em quem assiste:

² As falas originais do vídeo foram mantidas.

“Pra mim em entrelinhas foi: o profissional da saúde decide, não é o político que decide não, é o seu médico, conversa com o seu médico.” (DESTEFANI, 2021, 5:24 - 5:31).

A análise se desenvolve seguindo temas sobre o caos na falta de UTI por lotação de casos de Covid-19 em hospitais, falta de planos, e uma possível solução. Além de comandar a entrevista, Cristina Graeml apresenta uma postura de reforço às falas da convidada, sempre levantando hipóteses e questionamentos. Sua próxima exposição revela um conflito na narrativa apresentando divergências de interesse numa dimensão que parece ser ideológica: ela aponta dois grupos distintos de pessoas, as que acreditam no que seus médicos indicam para a prevenção da Covid-19, e as que preferem, segundo ela, acreditar em opiniões sem fundamento, referindo-se ironicamente a "o tiozinho da esquina", figura de linguagem na qual aquilo que se diz não corresponde exatamente ao que se quer dizer, com intuito jocoso, cômico ou crítico (GARCIA, 2011, p. 56):

“Ele [Ministro da Saúde Marcelo Queiroga] defende a autonomia médica, né? Que é uma coisa que a Gazeta do Povo fala desde o início da pandemia [...] se você tem o seu médico de confiança, por que você não pode acreditar no seu médico, no que ele tá te indicando, e tem que acreditar no que o tiozinho da esquina diz, só porque ele ouviu não sei quem falar...?” (GRAEML, 2021, 5:32 - 5:48)

“[...] ok, a gente respeita a liberdade mas a gente também pede o respeito à autonomia médica e à liberdade do cidadão, especialmente o cidadão que está doente, dele poder se tratar da forma como ele achar que é melhor pra ele, né?” (GRAEML, 2021, 5:51 - 6:04)

Algumas vezes, essa discrepância entre o que se diz e o que se pretende dizer é explicitada. Motta aponta esses elementos como efeitos dramáticos, exagerados. A fala de Bárbara reforça o discurso anterior de Cristina, e é possível perceber mais que a ironia, o sarcasmo, figura de linguagem que consiste numa comparação explícita, com a presença do elemento comparativo (GARCIA, 2011, p. 60):

“Quê que eu penso? Eu penso que Eduardo Leite, o Dudu Milk lá do Sul [referência ao governador do Rio Grande do Sul], aspirante a Dória [governador de São Paulo], ele tá se esforçando muito e eu acho que vai conseguir chegar lá no patamar do Dória.” (DESTEFANI, 2021, 6:15 - 6:27).

Os efeitos dramáticos sugeridos por figuras de linguagem são intercalados com estratégias de efeitos de realidade, os quais, segundo Motta (2013, p. 167), instigam a confiança do receptor de que o que ela diz tem fundamentos na realidade. Na fala a seguir, a *youtuber* levanta a porcentagem hipotética de pessoas em leitos de UTI. É possível perceber a construção de uma relação sintagmática: se não tem UTI, é preciso evitar chegar à UTI:

“Ele [referência a Eduardo Leite, governador do Rio Grande do Sul] disse com todas as letras que esse negócio de UTI não tem que ficar investindo muito porque não resolve o problema e não resolve o problema porque 60% das pessoas que vão pra UTI não saem de lá... então cê fica pensando: 60% das pessoas que vão pra UTI não saem de lá, não tem UTI pra todo mundo e, segundo Eduardo Milk, mesmo se tivesse não ia fazer diferença. 60% das pessoas não vão resistir. Então eu tenho que evitar de chegar na UTI.” (DESTEFANI, 2021, 6:28 - 6:59).

Pode-se identificar que os personagens e o conflito começam a ficar mais claros à medida em que a *youtuber* cita o atual presidente Jair Bolsonaro que, segundo sua narrativa, é injustamente criticado sobre sua gestão na pandemia. O agente dos ataques é o “Brasil” (perífrase que consiste na substituição de um termo por uma expressão que o descreva), ou seja, a população brasileira. O verdadeiro vilão é o vírus e não o presidente, segundo o trecho:

“O quê que eu vou fazer, qual que é o meu plano pra isso? Ninguém tem um plano, nenhum político no mundo tem um plano, gente, parem de achar que essas coisas só tão acontecendo aqui no Brasil, dá uma olhadinha pro mundo [...] acontece que o Brasil é o primeiro país no mundo, na minha percepção, que ataca o presidente em vez de atacar o vírus e isso é muito errado.” (DESTEFANI, 2021, 7:00 - 7:22).

As condições metanarrativas começam a aflorar a partir do discurso de que “atacar o presidente em vez de atacar o vírus é muito errado.” Vemos aqui que Bárbara tenta associar a noção de certo e errado levantando questões de moral e ética. O contexto sugere um efeito de injustiça, de comoção no receptor, que pode entender que a população está atacando o presidente inocente, quando o próprio se recusou a comprar vacinas, manifesta-se contra a imunização e até agora foi negligente com a morte de mais de 600 mil pessoas no país.

Depois disso, Bárbara entra com um novo episódio: uma saída. Os episódios permitem compreender as relações sintagmáticas da narrativa. Nessa construção, percebe-se novamente a presença de estratégias de produção de efeitos de realidade marcando o tempo com “essa semana” (deveria ser “esta semana”, uma vez que se refere a uma semana específica) e o local “em Minas Gerais”, para apresentar uma suposta saída para os problemas causados pela doença:

“Essa semana tá todo mundo falando e eu não entendo por quê que a enorme mídia, todas as mídias não falam sobre isso: nós temos uma cidade aqui em Minas Gerais que chama São Lourenço, eu acho que é aqui em Minas mesmo. Acho que é... que ela zerou as internações de UTI.” (DESTEFANI, 2021, 7:37 - 7:56). Bárbara (2021, 8:01 - 08:02) ainda destaca que acusaram a notícia de ser mentirosa, mas ela parece disposta a defender a veracidade da informação: *“Falaram [refere-se ao grupo contrário ao “tratamento precoce”] que era fake news, mas é mentira”*.

Para provar que a cidade em Minas zerou os casos de internações na UTI, ela usa novamente a estratégia de produção de efeito de real citando uma figura política de autoridade, o prefeito, ao mencionar os nomes próprios do lugar “aqui em Belo Horizonte” e da rádio em que a notícia foi veiculada. Ainda reforça seu argumento por meio de repetição, uma figura de linguagem empregada para reiterar fatos, numa escala de grandeza ou de intensidade, constituindo uma gradação, que pode ser ascendente ou descendente (GARCIA, 2011, p. 63):

“Eu assisti à entrevista do prefeito numa rádio aqui em Belo Horizonte que chama Itatiaia, eu assisti, assisti não, eu ouvi a entrevista do prefeito e a gente ficou muito animado porque assim a gente não tá falando de um caso, dez casos, cinquenta

casos, nós estamos falando de uma cidade, uma cidade, que optou por tentar, vamos tentar.” (DESTEFANI, 2021, p. 8:02 - 8:24).

Ao mesmo tempo em que constrói suspense na fala, já que ainda não deixou claro o que causou o sucesso do esvaziamento de leitos dessa cidade, Bárbara destaca novo conflito de interesses ao performar um argumento comum entre o grupo que é contra a indicação do remédio:

“Ah, mas porque a cloquinha vai te mandar pra terra do pé junto porque desenvolve problema cardíaco [ironiza a preocupação que parte da população apresenta em relação aos efeitos do remédio].” (DESTEFANI, 2021, p. 8:24 - 8:30).

Aqui Bárbara usa a perífrase quando diz “vai te mandar pra terra do pé junto”, uma figura de substituição e ironia (GARCIA, 2011, p. 59) para enfraquecer esse discurso de que o uso da cloroquina pode levar à morte.

Por fim, a *youtuber* apresenta a cloroquina como agente na solução de casos de Covid-19 na cidade e defende o medicamento da acusação contrária, segundo ela, sem fundamentos, de que oferece riscos à saúde. Segundo a análise de Motta, este poderia ser um novo episódio: um confronto à opinião do grupo opositor. A dona de casa adota um apelido para se referir à cloroquina - cloquinha, que soa infantil, porém dúbio.

“Eu tenho sérias ressalvas a isso porque se é uma coisa tão perigosa, tão perigosa, por que que antes dela ser anunciada como uma provável, uma possível solução, ela era vendida sem receita médica? Se não era tão perigoso por que que não tinha tarja? E aí, de repente, se tornou muito perigosa?” (DESTEFANI, 2021, 8:30 - 8:53).

O recorte final da narrativa tem como tema o limite à liberdade de expressão que os canais de comunicação adotaram em relação a conteúdos que envolvem o chamado “tratamento precoce”. Bárbara muda o nome do remédio e diz “cloquinha”. O motivo é revelado no diálogo com a repórter:

Cristina: - *Se já usavam, né? Esse remédio... não vamo falar o nome pra não sermos barrados aqui porque virou até um...*

Bárbara interrompe: - ... *cloquinha* [sugerindo para a repórter a substituição da palavra].

Cristina continua evitando dizer a palavra cloroquina: - *Se já usavam esse remédio pra aterosclerose, enfim, era usado pra outras doenças pra outros tratamentos... se eles compravam sem receita médica... não necessariamente eles [usuários portadores de aterosclerose] sabiam que não eram pacientes cardíacos ou que podiam vir a se tornar pacientes cardíacos, então realmente o risco não é tão grande.*" (8:53 - 9:20).

Bárbara logo em seguida cita o outro remédio do "kit-Covid", se referindo à ivermectina: *"Mas aí tem o remédio de piolho que a gente também não pode falar o nome, então é remédio de piolho, que também foi adotado no tratamento dessa cidade. Então assim, gente..."* (DESTEFANI, 2021, 10:48 - 10:57).

Numa outra estratégia, desta vez seguindo o script da produção de efeitos dramáticos, Bárbara explora uma hipótese - "Olha qual o meu plano" - e chama a audiência a compactuar com as suas ideias:

"Se eu fosse prefeita, se eu fosse governadora, tá, quer fazer a porqueira do lockdown [medida de distanciamento social], tá, faz a porqueira do lockdown. Pra mim, não funciona. Mas se tá falando que funciona então vamo fazer. Mas vamo pegar aqui três cidadezinhas aqui, vamo fazer um experimento? Vamo dar pra essas pessoas o remédio de piolho? O remédio de verme? A cloquinha? Vamo fazer um teste aqui, deixa todo mundo fechadinho, tá? Vamo aproveitar que ceis já decretaram esse negócio mesmo, mas vamo fazer um teste... daqui 10 dias a gente compara os números, entendeu? A gente teria parâmetros, eles não querem... eles não querem deixar a gente tentar." (DESTEFANI, 2021, 11:22 - 11:56).

Acrescenta: *"O Pazuello, nada do que ele fizesse poderia, geraria algum tipo de resultado... os nossos veículos de comunicação parece que ignoraram o fato do*

ministro Pazuello ter organizado a compra de 400 milhões de picadinhas [refere-se às vacinas].” (DESTEFANI, 2021, 15:08 - 15:25).

Ao longo do diálogo entre elas, percebe-se que Bárbara e sua entrevistadora parecem concordar que existe um limite na liberdade de expressão dentro das redes sociais, que tira do ar a referência a tratamentos não-comprovados, desinformação e notícias falsas. Por isso muitas vezes evitam usar o nome dos medicamentos e até os substituem por palavras parecidas. Também apresentam o que parece ser uma concordância de ideias em relação aos temas que envolvem a autonomia na busca por remédios que prometem, mesmo sem uma comprovação científica, auxiliar na luta contra a Covid-19, e na crítica a uma oposição aparentemente infundada ao governo de Jair Bolsonaro.

O vídeo 2, intitulado “A história secreta da cloroquina” - Lançamento com comentários”, financiado por patrocinadores e pela comunidade da TV 247, site de informações e análises políticas, tem duração de duas horas e meia. Conta como foi construída a narrativa por trás de políticos apoiadores do governo Bolsonaro, médicos, comunicadores e homens de negócios como Carlos Wizard (conhecido por ser o fundador da Wizard, maior rede de ensino de idiomas do Brasil) e Luciano Hang (proprietário da Havan, uma das maiores redes de lojas de departamentos do Brasil), que teriam se movimentado para manter o mercado ativo e vender remédios sem eficácia comprovada contra a Covid-19 durante a pandemia.

Acompanhado pelo cinegrafista Eric Monteiro, Joaquim de Carvalho, colunista da TV 247, esteve em Brasília, Manaus e Porto Feliz para entrevistar pessoas que perderam familiares, amigos e conhecidos para a doença e brasileiros que fizeram uso de remédios como a cloroquina e a ivermectina. O vídeo 2 pretende mostrar um ponto de vista contrário ao de Bárbara Destefani, defensora do "tratamento precoce", e descobrir o que está por trás da indução das drogas no Brasil.

A análise da narrativa do segundo vídeo, como a anterior, se processa em três partes. Já no início, o documentário diz que a cloroquina é uma farsa; no desenvolvimento, o conteúdo evidencia as consequências disso, ou seja, a intenção de lucro, a manipulação, e as mortes. Inferimos que a população é a grande vítima da narrativa, a qual sofreu com a negligência e com a corrupção por parte do governo, resultando na morte de centenas de milhares de brasileiros. Ao final do documentário, é apresentado um diálogo entre a repórter Gisele Federicce, e o

jornalista e diretor do documentário, Joaquim de Carvalho, ambos da TV 247, sobre os bastidores da produção. A entrevista, que começa nos minutos 1:24:57 e vai até 1:40:51, será o recorte desta análise.

A carreira e a jornada de Carvalho são aspectos de uma figura de autoridade e revelam seu direcionamento político, já que grande parte de seus trabalhos são conteúdos que criticam e atacam o governo Bolsonaro. O colunista do canal TV 247, foi subeditor de Veja e repórter do Jornal Nacional, entre outros veículos. Ganhou os prêmios Esso (equipe, 1992), Vladimir Herzog e Jornalismo Social (revista Imprensa) (BRASIL 247, 2021). No fundo da figura 04, é possível ver um quadro com a figura do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, político, filiado ao Partido dos Trabalhadores, e uma das maiores ameaças a Jair Bolsonaro nas eleições de 2022 (PODER 360, 2021).

Figura 04 - Imagem de Joaquim de Carvalho, entrevistado no vídeo “A história secreta da cloroquina” - Lançamento com comentários”



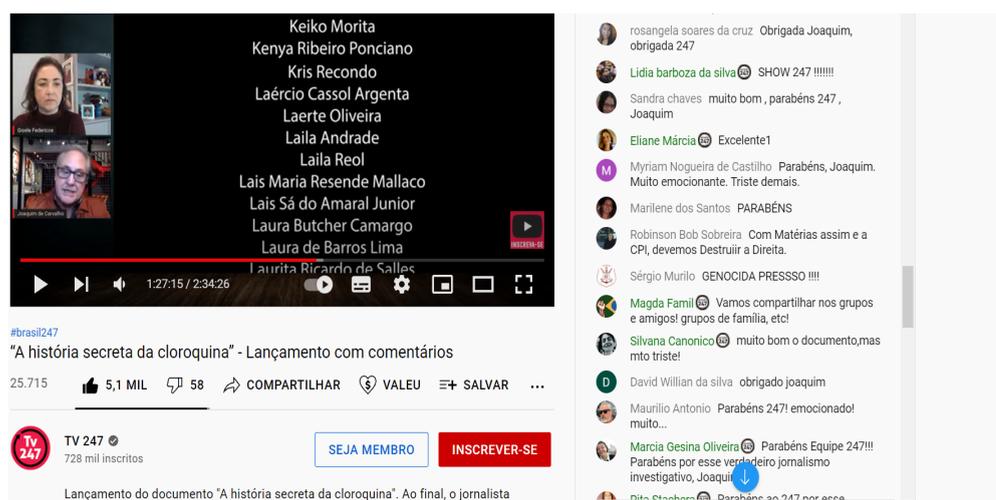
Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=nAIX-k7qzrM&t=5642s> (2021)

Gisele Federicce é jornalista com especialização em Ciência Política, atua na área de comunicação há 13 anos e assume o papel de conduzir a conversa com Joaquim e de interagir com o público que a assiste, ao ler as perguntas enviadas ao vivo. É editora responsável pelo portal Brasil 247 e pela TV 247, onde apresenta o "Boa noite 247". Integra o conselho editorial do Brasil 247 (BRASIL 247, 2021). Os quadros no fundo da figura 05 também são elementos importantes a serem considerados; um deles é o desenho da artista mexicana Frida Kahlo, figura de grande relevância na política de esquerda e no movimento feminista, apoiadora do político russo Leon Trostsky.

O início da análise se dá com a fala de Gisele: ela interage com o público, elogia o trabalho investigativo do jornalista e diretor Joaquim de Carvalho, destaca

os comentários positivos deixados por espectadores, representados na Figura 06, os quais se dizem emocionados com o conteúdo do documentário:

Figura 06 - Imagem de comentários ao vivo do vídeo “A história secreta da cloroquina” - Lançamento com comentários



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=nAIX-k7qzrM&t=5642s> (2021)

“Boa noite a todas e todos. Tamo aqui assistindo junto com vocês esse documentário que é um belíssimo trabalho de investigação seu, né Joaquim?, e da equipe que trabalhou junto pra chegar a esse filme. [...] Tava acompanhando aqui os comentários, o pessoal gostou muito, mas também ficou muito triste, tinha gente aqui falando que chorou, assistindo, [...] que ficou muito emocionado lembrando de pessoas que perderam.” (FEDERICCE, 2021, 1:24:57 - 1:26:05)

A repórter narra a reação dos espectadores que assistiram ao documentário, elemento interessante já que a narrativa logo entrega uma resposta sensível dos receptores ao vídeo. A característica é apontada como importante investigação segundo a técnica de análise de Motta e revela possíveis efeitos causados pela narrativa.

Gisele passa a palavra a fim de saber mais sobre a experiência de produção do documentário. Nota-se que Joaquim (2021, 1:26:33 - 1:27:07) responde emocionado ao comentar as mortes provocadas pela doença, incluindo a de um amigo, o que sugere, novamente, uma resposta de tristeza ao lamento: “Trabalhei na

produção, na reportagem, mas é sempre pra mim muito duro ver que a cloroquina matou um amigo, o Renan, [...] uma pessoa cheia de vida, um grande repórter, o melhor que eu conheci”. Nos trechos abaixo, o apelo à emoção continua:

“Haveria mortes, óbvio, com a pandemia. [...] outros países conseguiram, enfim, conter ou minimizar os danos. O Brasil não; e por uma ganância. Claramente uma ganância e corrupção. Sim. Corrupção. A ganância daqueles que tentam controlar a chefia do Estado e controlam hoje efetivamente.” (CARVALHO, 2021, 1:27:31 - 1:28:07)

“O Brasil desde o golpe [refere-se ao Impeachment sofrido pela ex-presidente Dilma Rousseff em 2016] é escancaradamente governado pelo capital selvagem.” (CARVALHO, 2021, 1:28:08 - 1:28:15).

Nota-se que o conflito dramático é revelado logo no início da narrativa. O discurso de Joaquim parece sugerir um conflito político envolvendo o “tratamento precoce”:

“[...] muitas pessoas que eu conversei perderam pessoas próximas. [...] e é doloroso você ver o sofrimento, e também o sofrimento das pessoas que têm sequela. Eu entrevistei aquela senhora que é pedagoga, em Manaus [refere-se a uma usuária do “tratamento precoce]... a fala dela mudou, ela tem o pulmão comprometido, acaba que ela terá um longo trabalho pela frente pra poder recuperar e talvez nunca totalmente.” (CARVALHO, 2021, 1:28:20 - 1:28:46).

“Nós tivemos uma guerra e ainda vivemos uma guerra. E nosso inimigo não era só o vírus [...] os especialistas falam, é um dado que está na CPI: [...] 400 mortes poderiam ter sido evitadas.” (CARVALHO, 2021, 1:28:54 - 1:29:09).

Motta (2013) aponta a importância da identificação dos personagens do enredo. Joaquim induz uma noção de que o inimigo não é somente o vírus, mas um governo e um Estado que não cumpriram o seu papel: o de evitar maior número de mortes. A consequência parece ser o dano à saúde de brasileiros, ao citar o caso de uma cidadã em Manaus que, ao ser entrevistada por ele, revelou ter sequelas após

ingestão dos remédios de “tratamento precoce”. A partir daqui, surge um novo episódio, que identificamos como a revelação de um inimigo, até então oculto na narrativa:

“Quando nós fizemos esse trabalho fica muito claro que foi uma ação orquestrada, que começa com o Trump, chama o Bolsonaro e tem lá um assunto de fachada que seria a Venezuela. [...] e você segue a linha do tempo cronologicamente, a partir dali, vai se construindo um movimento pra tentar iludir a população de que havia tratamento e remédio contra a Covid.” (CARVALHO, 2021, 1:29:16 - 1:29:45).

“Por que que os bilionários se envolveram nisso? Porque eles estavam preocupados com a saúde da população? Obviamente que não. [...] inventaram a história da cloroquina. Para quê? [ele mesmo pergunta e responde em seguida] Mercado.” (CARVALHO, 2021, 1:29:51 - 1:30:24).

As falas do jornalista passam a relacionar a cloroquina a um plano de Donald Trump, Jair Bolsonaro, de empresários e da mídia internacional para lucrarem com a venda de remédios que prometiam o “tratamento precoce” contra a Covid-19: *“Essa pandemia deixou muito claro que o mercado é inimigo da vida.”* (CARVALHO, 2021, 1:30:24 - 1:30:29). É possível apontar estratégias de efeito de real, quando o jornalista cita nomes próprios de autoridades políticas como “Bolsonaro”, “Trump” para reforçar que sua fala parte de premissas verdadeiras:

“Essa é a história que tem que ser contada: como o mercado é inimigo da humanidade”. (CARVALHO, 2021, 1:35:42 - 1:35:47).

“O mercado é o grande gerador da corrupção. Não é o Estado. A Lava-Jato agiu contra agentes de Estado, defendendo esse mercado que é o pai da corrupção. Sempre foi. E nós estamos vendo que não é só o pai da corrupção. É também o pai do genocídio. De tudo que há de mal. Então não podemos nos subordinar a isso.” (CARVALHO, 2021, 1:36:05 - 1:36:28)

“Bolsonaro, quando mentiu que a cloroquina era o remédio que surgiu... no dia do Trump... era uma ação orquestrada. Com a Fox News falando: 'Vamos pregar isso no

‘mundo’. E os médicos brasileiros, ao mesmo tempo, assim, uma semana depois, falando: ‘Peraí. Não cura e vai matar’. E aí eles foram ameaçados de morte e tiveram que sair daqui.’ (CARVALHO, 2021, 1:36:25 - 1:37:47).

Joaquim de Carvalho induz o telespectador à conclusão:

“Essa é a principal lição: a cloroquina não é só ideológica. Tem a defesa de uma ideologia, de um governo, daqueles que apoiam um regime, mas ela é uma farsa construída por bilionários, à custa da vida das pessoas, porque eles sabem que aqui a Covid mata 2%, deixa sequela em muitos outros. Mas matar 2.2% do Brasil significa que 4 milhões de pessoas morreriam... e depois pode vir mais ondas, mas 2%, eles falam: ‘Vai morrer 2%, então deixa morrer, mas a nossa grana não vai ser tocada e a gente vai ganhar ainda mais.’” (CARVALHO, 2021, 1:38:06 - 1:38:50).

É possível sinalizar um novo episódio: a revelação. A história da cloroquina, que aparentava ser baseada apenas num conflito político entre apoiadores e opositores do governo, na verdade seria uma estratégia que envolve corrupção e lucro com a venda de remédios não comprovados contra a doença.

Os médicos brasileiros são figuras importantes que aparecem como supostos heróis na descoberta de uma mentira e no alerta que fizeram à população. Ao mesmo tempo, entende-se que os mesmos foram vítimas de ameaças de morte por revelarem a verdade por trás de uma manipulação.

Para explicar a lógica por trás dessa estória e reforçar a realidade da situação, Joaquim fortalece seu discurso usando, novamente, estratégias de efeito de realidade ao citar dados, ao situar o receptor no tempo usando expressões como “uma semana depois” e informações verificadas através de suas entrevistas sobre a distribuição e o incentivo ao uso de remédios não comprovados cientificamente contra a Covid-19:

“Quando a gente vai lá em Porto Feliz [em referência a uma cidade no interior de São Paulo em que o “kit-Covid” foi distribuído pela prefeitura], é um Brasil de gente de boa fé, mas sem informação, mas sempre de boa fé, e que elegeu esse prefeito com 92% dos votos.” (CARVALHO, 2021, 1:38:59 - 1:39:11).

A condição metanarrativa aflora a partir desta fala. Joaquim tenta associar a noção de boa e má fé levantando questões de ingenuidade da população que, sem informação, elegeu um prefeito que, por ganância, distribuiu o “tratamento precoce” aos moradores da região:

“Se eu fosse médico, ô Gisele, mesmo não médico, eu digo assim: ‘Toma essa cloroquina que vai tudo bem. Cê não vai morrer’. Eu vou ser aclamado [...] porque só 2% [da população daquela cidade] vão morrer, então eu sou um grande médico, entendeu? Porque a maioria não vai morrer e ainda vai falar bem de mim e vai reeleger aquele prefeito.” (CARVALHO, 2021, 1:39:16 - 1:39:34).

O repórter usa uma hipótese irônica, recurso de linguagem para dizer algo com um sentido oposto de fundo (GARCIA, 2011, p.59), para demonstrar a estratégia política usada em várias cidades do interior do Brasil onde a própria prefeitura distribuiu remédios como a cloroquina e a Ivermectina para a população, prometendo que os mesmos poderiam auxiliar na luta contra a doença. A ação levou à eleição desses prefeitos. Joaquim de Carvalho prossegue:

“Essa doença é uma roleta russa e você não pode submeter a humanidade à roleta russa. Cê tem que proteger as pessoas e podia ter sido feito isso, deveríamos ter feito isso, mas nós não fizemos [refere-se ao governo] e por isso o que nós vivemos hoje é um genocídio.” (CARVALHO, 2021, 1:39:40 - 1:39:57)

O que ele aponta é que os personagens envolvidos no esquema de corrupção aproveitaram a instabilidade do momento para se beneficiarem com a manipulação de informações acerca do “tratamento precoce”. Ao vender a ideia de que remédios como cloroquina e ivermectina poderiam auxiliar na luta contra a doença, eles continuaram lucrando, mesmo com as medidas de isolamento social, as quais apresentavam uma possível ameaça ao mercado financeiro.

Logo após essa exposição, o vírus se converte numa entidade, um inimigo contra o qual deveríamos nos unir. Os efeitos dramáticos da narrativa são elementos que pretendem causar a sensação de medo e de urgência, quando por exemplo, ele compara a doença a uma “roleta russa”, jogo de azar que pode levar à morte de seus participantes.

A repórter, após uma longa fala de Joaquim, dialoga com o que foi exposto por ele, usando a comparação para dizer que a vida das pessoas não têm valor para bilionários que só visam o lucro: *“Somos números, né, Joaquim? Pra economia somos números e força de trabalho”* (FEDERICCE, 2021, 1:39:58 - 1:40:03), o que se pode ver nitidamente no excerto abaixo:.

“Lembra do começo da pandemia quando começou aquela discussão sobre economia versus saúde, né? O quê que era mais importante, como se fossem alternativas. E aí era algo difícil de se debater porque o campo da esquerda [campo político contrário ao governo Bolsonaro] defendia muito que tinha que se fechar tudo, né?... pelo receio de contaminação de infecção do vírus, enquanto a gente não sabia como lidar com ele, né? E aí os empresários saíram fazendo seus discursos, inclusive o Júlio Durski [refere-se ao fundador da rede de restaurantes Madero] que tá com o Madero quase falindo, foi um dos que disseram que dependendo da quantidade que iria morrer valeria a pena deixar tudo aberto mesmo.” (FEDERICCE, 2021, 1:40:04 - 1:40:51)

Para finalizar, Gisele reforça o conflito de interesses entre um grupo que defendia as medidas de isolamento social, o que geraria impacto temporário de serviços não essenciais, e outro grupo que defendia que o mercado continuasse funcionando. O primeiro, segundo a fala da entrevistadora, parece se preocupar mais com a saúde pública, enquanto o segundo apresenta um olhar angustiado em relação ao futuro da economia.

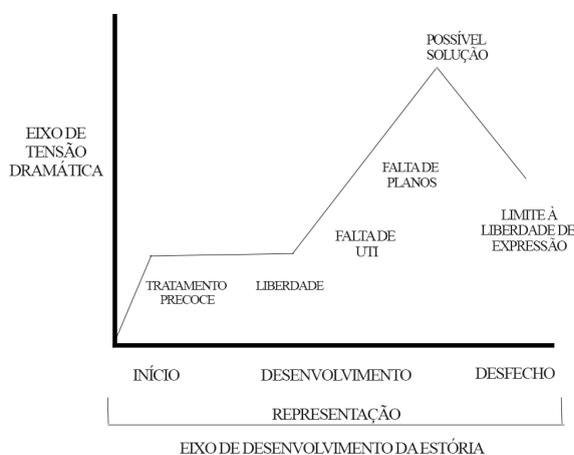
Capítulo 4 - Resultados

Motta sugere a realização de um gráfico de tensão dramática da narrativa com o objetivo de entender as estruturas por detrás de efeitos de sentido que prendem a atenção do espectador no discurso. Narrativas tradicionais tendem a começar com uma linha de tensão mínima que vai crescendo ao longo do enredo até chegar no ponto mais alto do gráfico de tensão dramática, onde o clímax, ou seja o ponto de tensão máximo é atingido e que volta a cair no desfecho (MOTTA, 2013, p. 157).

Portanto, para melhor compreender como as narrativas encaminham, ou não, possíveis soluções e como o público é afetado, foram feitos dois gráficos de tensão dramática, em que a linha vertical do ângulo representa o efeito sobre o ouvinte e a linha horizontal representa o desenvolvimento da narrativa.

No vídeo 1, vemos que a ação começa com a linha de tensão mínima. O tema “tratamento precoce” foi escolhido como recorte inicial da análise da narrativa, a fim de entender o discurso do grupo favorável ao uso dos remédios. Assim como ocorre em narrativas tradicionais, a história se desenvolve de maneira crescente. Bárbara Destefani e Cristina Graeml defendem questões relacionadas à liberdade de escolha em relação às formas de prevenção à doença e, para justificar, inserem questões sem solução, como a falta de leitos de UTI e a falta de planejamento devido à pouca informação sobre a doença. O pico da tensão é atingido quando a *youtuber* sugere uma possível saída para o problema. A solução seria a distribuição do “tratamento precoce” já que, segundo ela, ocasionou números significativos de cura após o uso. O desfecho, no qual a linha de tensão cai novamente, é apresentado por uma quebra de expectativa em relação à possível solução, já que aparentemente há um movimento de limitação na circulação de informações sobre o “tratamento precoce”, o que impede a população de chegar a um bom resultado para os casos de Covid-19.

Gráfico 1 - Eixo dramático do vídeo "Entrevista com Barbara do canal Te Atualizei"



Fonte: adaptado de Motta (2013, p. 158)

No vídeo 2, observa-se que a ação começa com a linha de tensão alta no gráfico, diferente do gráfico da primeira narrativa analisada. Joaquim introduz suas falas com o que parece ser a conclusão de um enredo, ou seja, a constatação de que o “tratamento precoce” é uma farsa e desenvolve-se na explicação desse fato. Nesse sentido, Joaquim de Carvalho parece utilizar a técnica jornalística da *pirâmide invertida*, em que o fato mais importante é puxado para o início da narrativa. As linhas do gráfico variam no grau de tensão, de acordo com as exposições sobre temas como lucro, manipulação de informações falsas, mantendo-se alto todo o tempo. Sobe ainda mais com os efeitos dessas ações: as mortes. O desfecho, assim como no primeiro gráfico, é a queda na linha de tensão.

Gráfico 2: Eixo dramático do vídeo “A história secreta da cloroquina - Lançamento com comentários”



Fonte: adaptado de Motta (2013, p. 158)

Capítulo 5 - Discussão

Tanto Bárbara quanto Joaquim de Carvalho se encaixam no narrador realista, aquele que quer provocar o efeito de real, fazer com que os ouvintes interpretem os

fatos narrados como verdades, como se os fatos estivessem falando por si mesmos. (MOTTA, 2013). Para causar tal efeito, recursos de linguagem foram usados. Os discursos carregados de ironia e sarcasmo são estratégias usadas para enfraquecer a opinião do grupo opositor em relação ao uso do medicamento.

No vídeo 1, a intenção é enfraquecer a teoria de que o remédio é perigoso, ao mesmo tempo em que se usam recursos de linguagem para passar autoridade e incitar as pessoas a que tomem atitudes por conta própria. No plano de fundo, o que Bárbara acaba comunicando é que as pessoas podem (e devem) usar os medicamentos indicados como suposto “tratamento precoce”.

Já no vídeo 2, o recurso mais utilizado para enfraquecer as teorias do grupo a favor dos medicamentos são elementos de uma estratégia que mais se aproximam da realidade. Ou seja, Joaquim se preocupa em trazer informações coletadas em suas entrevistas, dados e estatísticas que comprovem seu posicionamento e que sirvam de alerta sobre o chamado “tratamento precoce”.

É interessante notar uma semelhança no uso de uma mesma hipótese, tanto na fala de Joaquim de Carvalho, quanto na fala da *youtuber* Bárbara Destefani. Ambos usam quase a mesma premissa, respectivamente, “se eu fosse prefeita” e “se eu fosse médico”, para dizer que distribuiriam o “tratamento precoce”. A diferença se dá nas intenções por trás da construção de cada narrativa, em que uma se refere à defesa do medicamento e a outra refere-se a uma crítica à prática de distribuição de um remédio não comprovado cientificamente.

O que se percebe é uma polarização do discurso acerca de um mesmo tema e o quanto plataformas digitais como o Youtube, que funcionam a partir de mecanismos de segmentação e recomendação, podem agravar esse quadro. Outro ponto que chama a atenção é o quanto as narrativas são um importante reflexo de questões políticas delicadas na nossa sociedade. Mais que isso, percebe-se a relevância desses discursos, como vimos nos capítulos anteriores, por serem instrumentos que influenciam comportamentos, e podem inclusive fazer com que indivíduos diminuam a intenção de se vacinar.

Capítulo 6 - Considerações Finais

Utilizamos a teoria de Charaudeau para nos ajudar nestas Considerações Finais. A análise do vídeo 1, da TV Gazeta do Povo, dentro do tipo de análise

proposto por Charaudeau, revelou a condição “fazer crer” e “fazer fazer” como as mais recorrentes, o que revela que o principal intuito do vídeo é levar as pessoas a acreditar na opinião da *youtuber*. Bárbara critica as medidas de isolamento social dizendo não serem verdadeiramente eficazes no combate à disseminação do vírus. A partir disso, ela conduz o receptor não só a crer que pode descumprir as medidas recomendadas pela Organização Mundial da Saúde (OMS), mas induz esse comportamento ao estimulá-lo a ter maior autonomia e a procurar o método de prevenção que achar mais adequado.

Para exemplificar a condição “fazer crer”, predominante no vídeo em que Bárbara fala sobre o “tratamento precoce” alguns trechos vêm regularmente aliados à expressão de convencimento:

“Ele [refere-se à Marcelo Queiroga] entende que certos medicamentos não existe a comprovação científica, que é aqueles estudos mega e tal, mas que existe a observação clínica que é muito importante e por isso os médicos têm autonomia pra poder prescrever aquilo que eles acham mais adequado.” (DESTEFANI, 2021, 4:51 - 5:24).

A condição “fazer fazer” aparece como segunda característica de finalidade no vídeo analisado, visto que Bárbara se preocupa em deixar claro aquilo que ela acha correto se fazer, com um discurso que procura instigar a iniciativa em quem assiste: *“O profissional da saúde decide, não é o político que decide não, é o seu médico, conversa com o seu médico.”* (DESTEFANI, 2021, 5:24 - 5:31). Assim ela indica o que deve ser feito.

Em terceiro e quarto lugar estão as condições de “fazer sentir” e “fazer saber” que aparecem com menor frequência, o que mostra que os discursos da *youtuber* e da repórter da TV Gazeta do Povo não apresentam como prioridade a intenção de causar emoção ou de informar a população, apesar de apresentar, em um número considerável de vezes, falas que provocam conflitos dramáticos pela possibilidade de terem seu conteúdo retirado do ar pelo Youtube, ao abordar o tema “tratamento precoce”. As duas usam essa justificativa para trocar os nomes dos remédios e preferir algumas palavras como “cloquinha”, em substituição à cloroquina; “remédio de piolho” referindo-se à ivermectina; “picadinha” para falar sobre a vacina.

A análise do vídeo 2, da TV 247, revelou as condições “fazer saber” e “fazer crer” como recorrentes, levando à conclusão de que o objetivo do discurso é o de

informar à população (fazer saber) os impactos que uma gestão mal conduzida e mal intencionada da pandemia causam, embasando a narrativa com dados e números. Ao mesmo tempo é um recurso de base para convencer (fazer crer) e denunciar ao receptor que o “tratamento precoce” seria um plano de iniciativa dos governos Trump e Bolsonaro e de empresários para gerar lucro em cima da venda de medicamentos com a falsa promessa de que aumentam a imunidade contra a Covid-19. A condição de “fazer saber” encontra-se em evidência no discurso do jornalista Joaquim Carvalho, entrevistado pela repórter Gisele Federicce, trazendo um número grande de dados para convencer da veracidade de seu discurso: *“Nós tivemos uma guerra e ainda vivemos uma guerra. E nosso inimigo não era só o vírus [...] os especialistas falam, é um dado que está na CPI: [...] 400 mortes poderiam ter sido evitadas.”* (CARVALHO, 2021, 1:28:54 - 1:29:09).

As condições de “fazer sentir” e de “fazer fazer”, ou seja, a finalidade do discurso, ao contrário do vídeo 1, não está concentrada em causar emoção e induzir iniciativas no receptor. Embora em menor ocorrência, ainda assim é significativa a intenção de causar comoção a informação acerca do grande número de mortes, os prejuízos à saúde, tanto de pessoas que contraíram a doença, quanto daquelas que usaram o “kit-Covid”, e as vítimas da falta de informação e da manipulação: *“[...] muitas pessoas que eu conversei perderam pessoas próximas. [...] e é doloroso você ver o sofrimento, e também o sofrimento das pessoas que tem sequela.”* (CARVALHO, 2021, 1:28:20 - 1:28:46).

As características do discurso, ou seja, o que Motta chama de planos da expressão, da estória e da metanarrativa, evidenciam intenções subjacentes às narrativas que até então não eram evidentes. O caso do vídeo de Bárbara Destefani é um exemplo em que o título aponta para uma entrevista, mas o conteúdo acaba incitando ações por meio da condição predominante de “fazer crer” e “fazer fazer”.

Observamos, através da análise, a importância das sequências do enredo, dos conflitos dramáticos e do destaque aos personagens na construção de um sentido para aquilo que se quer contar. Além disso, notou-se a relevância de recursos linguísticos nas intenções comunicativas que, conscientes ou não, são baseadas em crenças e questões culturais que não podem ser desvinculadas do discurso.

As diferentes narrativas sobre o mesmo tema evidenciam como a polarização política no Brasil pode influenciar e dificultar a coordenação de ações durante períodos de crise como a pandemia de Covid-19, já que consumidores de um tipo de conteúdo recebem informações contrárias ao “tratamento precoce”, e outros favoráveis ao tratamento. É interessante observar que existem aspectos semelhantes em ambas as narrativas, que tratam sobre um mesmo tema, mas com intenções completamente opostas. Ao assistir o primeiro vídeo, o que se absorve é uma narrativa que evidencia um conflito ideológico entre grupos políticos opostos. A estória é confrontada pela narrativa do segundo vídeo que expõe uma outra perspectiva: a história da cloroquina na verdade é um esquema de corrupção.

Temas levantados pela *youtuber* são também descritos pelo jornalista e é possível identificar um confronto de ideias. Destefani levanta questões relacionadas à confiança em médicos que prescrevem o “tratamento precoce”. Carvalho levanta uma contrapartida ao dizer que médicos que prescrevem remédios não comprovados cientificamente contra a Covid-19 estão na verdade em busca do lucro financeiro.

Por fim, é importante destacar dois elementos da narrativa encontrados no vídeo 1. O primeiro é um alerta ao sistema de categorização de vídeos do Youtube que parece nem sempre fazer jus aos conteúdos. Por exemplo, o título e a descrição do vídeo não são exatamente fiéis à narrativa da *youtuber* que, somente após ser analisada, revelou características que incitam ações relacionadas ao “tratamento precoce”. O segundo elemento de destaque refere-se à substituição de palavras com o intuito de infringir as diretrizes de segurança do Youtube. Evitando mencionar palavras referentes ao “tratamento precoce” e substituindo-as por eufemismos como “remédio de piolho” ou o apelido pretensamente carinhoso “cloquinha” - que esconde o perigo da droga -, Bárbara Destefani consegue dificultar a análise de conteúdos permitidos na plataforma, o que demonstra questões delicadas acerca do controle de informações falsas nas mídias digitais.

Conclui-se que o Youtube, apesar de permitir o acesso à informação, também auxilia na distribuição de conteúdos polarizados sobre um mesmo tema, podendo configurar-se como uma barreira no acesso a dados seguros, dificultando ações coordenadas de enfrentamento às crises, como a da pandemia de Covid-19.

Referências

BURGESS; Jean; GREEN; Joshua. YouTube e a Revolução Digital: como o maior fenômeno da cultura participativa transformou a mídia e a sociedade. São Paulo: Aleph, 2009.

CARVALHO, J.; FREDERICCE, G.; “A história secreta da cloroquina” - Lançamento com comentários. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=nAIX-k7qzrM&t=5642s>. Acesso em: 20 out. 2021.

CASARÕES, Guilherme; MAGALHÃES, David. The hydroxychloroquine alliance: how far-right leaders and alt-science preachers came together to promote a miracle drug. **Brazilian Journal Of Public Administration**. Rio de Janeiro, Jan. - Feb. 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rap/a/b3DhgtmpNW8FZMdSNqDY6Ht/?format=pdf&lang=en>. Acesso em: 20 out. 2021.

CHARAUDEAU, P. Discurso das mídias. 1ª Edição. São Paulo: Contexto, 2007.

CNN. 2021. Governo discute substituição de Eduardo Pazuello na Saúde. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/governo-discute-substituicao-de-eduardo-pazuello-na-saude/>. Acesso em: 20 out. 2021.

DESTEFANI, B.; GRAEML, C. Entrevista com Barbara, do canal Te Atualizei. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=EyqD_hjbrKw&t=1248s. Acesso em: 20 out. 2021.

G1. YouTube irá remover vídeos que recomendem cloroquina ou ivermectina para tratar Covid-19. Abr. 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/tecnologia/noticia/2021/04/16/youtube-ira-remover-videoes-que-recomendem-cloroquina-ou-ivermectina-para-tratar-covid-19.ghtml>. Acesso em: 20 out. 2021.

GALLI, Lucas M.; MODESTO, João G. Influência das Crenças Conspiratórias e Orientação Política na Vacinação. **Revista de Psicologia da IMED**, Passo Fundo, vol. 13, n. 1, p. 179-193, janeiro-junho, 2021. Disponível em: <https://seer.imed.edu.br/index.php/revistapsico/article/view/4491/2799>. Acesso em: 20 out. 2021.

GARCIA, Afrânio S. G. Principais Figuras de Linguagem Semânticas. **Cadernos do CNLF**, Vol. XV, nº 4. Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2011. Disponível em: http://www.filologia.org.br/xv_cnlf/oficinas/05.pdf. Acesso em: 20 out. 2021.

GLORIA, M., & MODESTO, J. G. (2019). Morality, Activism and Radicalism in the Brazilian Left and the Brazilian Right. *Temas Em Psicologia*, 27(3), 763-777. doi: <https://doi.org/10.9788/TP2019.3-12>.

GOMES, W. [2021] Abertura / Mesa 1: Youtubers na política, Youtubers políticos, política no YouTube. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=D_TUK2Wt5lo&t=3928s. (5:49 a 49:31 min). Acesso em: 20 out. 2021.

MELO, José *et al.* Automedicação e uso indiscriminado de medicamentos durante a pandemia da COVID-19. Cad. Saúde Pública, Ceará, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csp/a/tTzxtM86YwzCwBGnVBHKmrQ/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 20 out. 2021.

MOTTA, L. G. Análise Crítica da Narrativa. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2013.

OPAS. Folha informativa sobre COVID-19. [2020]. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/covid19>. Acesso em: 15 out. 2021.

PIAIA, Victor.; ALVES, Marcelo. Abrindo a caixa preta: análise exploratória da rede bolsonarista no WhatsApp. **Intercom - RBCC**, São Paulo, v. 43, n. 3, p.135-154, set./dez. 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/interc/a/JB3zHccN7KnHJXTwsRj8WjF/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 20 out. 2021.

PINTO, C. R. Cenário político atual traz mais perguntas do que respostas. [2021]. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/analise/cenario-politico-atual-traz-mais-perguntas-do-que-respostas/>. Acesso em: 15 out. 2021.

PODER 360, 2021. Lula abre sua maior vantagem contra Bolsonaro, diz PoderData. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/poderdata/lula-abre-sua-maior-vantagem-contra-bolsonaro-diz-poderdata/>. Acesso em: 26 out. 2021.

RIZZO, A. [2021] Abertura / Mesa 1: Youtubers na política, Youtubers políticos, política no YouTube. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=D_TUK2Wt5lo&t=3928s. (54:21 a 1:10:28 min). Acesso em: 20 out. 2021.

SILVA, Sivaldo P.; MUNDIM, Pedro S. Mediações no YouTube e o caso 'Ocupação do Complexo do Alemão': características e dinâmica de uso. **Intercom – RBCC**, São Paulo, v.38, n.1, p. 231-253, jan./jun. 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/interc/a/mXbsWGFdvMCD8p9DFp9hpggh/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 20 out. 2021.

SANTOS, J. G. [2021]. Mesa 2: YouTube enquanto objeto de pesquisa e de interesse público. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=9Y8LEDZaJs4&t=187s> (53:44 a 1:15:35 min). Acesso em: 20 out. 2021.

APÊNDICES

Planilha de Análise Vídeo 1:

VIDEO 1 - Live Bárbara Canal Te Atualizei para TV Gazeta do Povo					
IDENTIFICAÇÃO DOS TEMAS	Tratamento Precoce	Liberdade, Falta de UTI, Falta de Planos e Possível Solução	Censura		
MIN	04:51 - 05:31	05:32 - 08:53	08:53 - 15:25		
AUDIO	file:///C:/Users/Alvaro/Downloads/WhatsApp%20Audio%202021-10-26%20at%2001.49.32.mp4	file:///C:/Users/Alvaro/Downloads/WhatsApp%20Audio%202021-10-26%20at%2001.55.04.mp4	file:///C:/Users/Alvaro/Downloads/WhatsApp%20Audio%202021-10-26%20at%2002.03.32.mp4		

	A	B	C	D	E	F
6		Bárbara: outro ponto que ele (Marcelo) citou que eu gostei foi sobre tratamento precoce (aqui ela usa um tom sarcástico e dá uma risada) ele se saiu bem, não sei se todo mundo viu, pra quem não viu, tô te atualizando (fazendo referência ao nome do canal dela "Te atualizei") ele falou que ele... (hesita) não é que ele defende, ele entende que certos medicamentos não existe a comprovação científica, que é aqueles estudos mega e tal, mas que existe a observação clínica que é MUITO importante e por isso os médicos têm autonomia pra poder prescrever aquilo que eles acham mais adequado. Pra mim entrelinhas foi: o profissional da saúde decide, não é o político que decide não, é o seu médico, conversa com o seu médico.	Bárbara: mas cé sabe qual que é o problema que eu vejo nisso? Eu não tenho esperança nenhuma, a cloquinha NUNCA vai ser liberada, nunca você vai chegar e falar assim: "é gente, vamos usar porque funciona mesmo, foi mal ai". Por quê? Porque isso vai ter uma implicação muito séria em todas as pessoas que influenciam outras pessoas de maneira muito forte no nosso cotidiano que viraram pra você e falaram: "não faça isso", e do momento que isso for liberado como o tratamento (hipótese) todas essas pessoas mentiram pra população, enganaram a população, privaram a população de se tratar, então assim, eles NUNCA vão liberar isso. Não tenho essa expectativa. Mas ai tem o remédio de pioho (invermectina) que a gente também não pode falar o nome então é remédio de pioho que	Cris: cé já deu tua opinião ai sobre o novo ministro, e o antigo? Você acha que precisava sair? precisava ter tido essa troca? A pressão foi realmente do centrão como tavam dizendo? A nomeação desse novo ministro, não sendo ligada ao centrão já dissmascara esse discurso também... qual é a sua opinião?		

Planilha de Análise Vídeo 2:

VIDEO 2 - "A história secreta da cloroquina" - Lançamento com					
IDENTIFICAÇÃO DOS TEMAS	Cloroquina é uma farsa	Lucro; manipulação; mortes	Para o mercado somos apenas números		
MIN	1:24:57 - 1:29:51	1:29:51 - 1:39:58	1:39:58 - 1:40:51		
AUDIO	file:///C:/Users/Alvaro/Downloads/WhatsApp%20Audio%202021-10-26%20at%2002.15.17.mp4	file:///C:/Users/Alvaro/Downloads/WhatsApp%20Audio%202021-10-26%20at%2002.27.40.mp4	file:///C:/Users/Alvaro/Downloads/WhatsApp%20Audio%202021-10-26%20at%2002.30.10%20(1).mp4		
	"A cloroquina é apenas a demonstração de que o mercado, ele é cruel. Ele não tem preocupação com a vida... nenhuma, zero.	"Essa é a principal lição: a cloroquina não é só ideológica. Tem a defesa de uma ideologia, de um governo, daqueles que apoiam um regime, mas ela é uma farsa construída por bolionários, a custa	Gisele: Somos números né Joaquim? Pra economia somos números e força de trabalho. Lembra do começo da pandemia quando começou aquela discussão sobre		

<p>"A cloroquina é apenas a demonstração de que o mercado, ele é cruel. Ele não tem preocupação com a vida... nenhuma, zero. Eai esse estudo depois, só pra terminar, pra falar de Manaus, o Bolsonaro, quando mentiu que a cloroquina era o remédio que surgiu... no dia do Trump... era uma ação orquestrada! Com Fox News falando vamos pegar isso no mundo. E os médicos brasileiros ao mesmo tempo assim, uma</p>	<p>"Essa é a principal lição: a cloroquina não é só ideológica. Tem a defesa de uma ideologia, de um governo, daqueles que apoiam um regime, mas ela é uma farsa construída por bolionários, a custa da vida das pessoas, porque eles sabem que aqui a COVID mata 2%, deixa sequela em muitos outros, mas mata 2,2% do Brasil significa 4 milhões de pessoas morreriam... e depois ce pode vir mais ondas, mas 2 % eles falam "vai morrer 2% então deixa morrer mas a nossa grana não vai ser tocada e a gente vai ganhar ainda mais"</p>	<p>Gisele: Somos números né Joaquim? Pra economia somos números e força de trabalho. Lembra do começo da pandemia quando começou aquela discussão sobre economia versus saúde né, o que que era mais importante, como se fossem alternativas e ai era algo difícil de se debater porque o campo da esquerda defendia muito que tinha que se fechar tudo né, é... pelo receio de contaminação de infecção do vírus, enquanto a gente não sabia como lidar com ele né. Eai os empresários saíram fazendo seus discursos né por exemplo o Junior Dusque que tá com o Madson, ai eu sei falando foi um</p>			
--	---	--	--	--	--